

CAPISTRANO DE ABREU E DESCRIÇÃO DA PAISAGEM

Dora Shellard Corrêa - UNIFIEO

Capistrano de Abreu produziu uma análise inovadora dentro da historiografia brasileira, acentuando a importância da geografia e da cultura para o entendimento da história. Nilo Odália¹ ressalta que ele foi a matriz de uma tradição de estudos históricos ligados aos problemas dos caminhos e dos povoamentos. Podemos acrescentar que o historiador cearense também elaborou uma narrativa sobre a paisagem que inspirou intelectuais contemporâneos seus e a chamada geração de 30. Sente-se o reflexo da estrutura da descrição elaborada no Capítulos de História Colonial, em Formação do Brasil Contemporâneo, de Caio Prado Júnior, ou de pequenos detalhes do cenário em Caminhos e Fronteiras de Sérgio Buarque de Holanda. Esses dois autores absorveram o que Capistrano apresentava de inovador, subvertendo o que expressava de conservador e desconsiderando o que era puro reflexo de época.

A obra de Capistrano de Abreu inovou fugindo a uma narrativa que priorizava a observação dos aspectos políticos de nossa história e introduzindo uma análise sócio-econômica, apresenta uma abordagem geográfica e antropológica do país. Ao lado da caracterização dos colonos, índios, capitanias, conflitos com os franceses, introduz um novo tema que revela um diferente enfoque, o sertão. Este representou não apenas um novo assunto, mas também um novo olhar sobre a geografia da colonização. Se em Varnhagen a História se dava no litoral, Capistrano mostrou que ela se fazia na fronteira também e que esse movimento de avanço além da linha efetiva sob domínio português, era um fenômeno fundamental para a compreensão de nossa história e da constituição da nação.

Foi Capistrano de Abreu que primeiro apontou a pertinência da inserção do espaço na narrativa histórica para o estudo da história do Brasil, como elemento explicativo de nossa formação. Até então, apoiados nas proposta de Von Martius sobre como escrever a história do Brasil², nossos intelectuais se prendiam à caracterização das raças que formavam a população brasileira como o ponto determinante do sucesso ou não do país.

A descrição da paisagem elaborada por Capistrano de Abreu é muito rica, e se constitui numa peça importante de sua argumentação, pois, segundo ele, esse meio moldou e também foi moldado posteriormente pelo homem que o estava adentrando. A caracterização das raças superiores e inferiores, contudo, não é sobrepujada pela determinação do meio como condicionante

¹ ODÁLIA, Nilo. As formas do mesmo. Ensaio sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna. São Paulo: Fundação Unesp, 1997.

² MARTIUS, C.F. Ph. De Como se deve escrever a história do Brasil. Dissertação oferecida ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil pelo Dr. Carlos Frederico Ph. De Martius. Acompanhada de uma biblioteca Brasileira, ou lista das obras pertencentes à História do Brasil. **Revista Trimestral de História e Geografia**, n. 24, jan. 1845.

do papel que cada grupo social teve na formação da nação. O pessimismo frente a uma população miscigenada, a desqualificação de negros e índios não foge à ideologia imperante.

Em Capítulos de História Colonial, inicia o livro com os “Antecedentes Indígenas”. Organiza uma introdução geográfica do Brasil, e, posteriormente, fala sobre os índios. Ainda que uma descrição geral, ele apresenta os contornos específicos do país, denominando serras, rios, indicando áreas de matas, particularizando regiões climáticas e buscando informações mais precisas, com o naturalista Emílio Augusto Goeldi, sobre a fauna. Essa caracterização física não aparece como uma questão puramente de estética literária. O meio explica também os rumos tomados por nossa história, porém, conforma, não determina.

O domínio desse meio é o grande ato, resultado da colonização. O dominar significa construir um cenário composto por plantações, estradas, vilas. Ou seja, numa ocupação que espelha a sociedade européia. Uma luta travada pelo colono, e quando processado pelo índio encontramos o sangue europeu se misturando a ele.

A paisagem que o colono encontra é uma paisagem natural, não transformada pelo homem. O que lhe dará movimento e historicidade é justamente a chegada dos portugueses. É nesse momento que se inicia uma história do Brasil. Descrevendo a paisagem a partir do litoral baiano, Capistrano indicou: “Ao lado desta vegetação espontânea nota-se, por intervalos, eficaz intervenção humana, que, com palmares, ora mais, ora menos extensos, de coqueiros da Índia veio dar a esta parte da costa um aspecto que ela não pode ter adquirido senão desde tempos históricos (no restrito sentido do termo relativo à história do Brasil)”³. Essa intervenção humana representa justamente a introdução de uma vegetação não originária do continente, são os coqueirais. E, por outro lado, esse aspecto diverso da flora espontânea que esses palmares apresentam se refere ao fato de encontrarem organizados de modo diverso das variedades vegetais locais, são distintos pois formam uma região, estão agrupados, por isso o autor e seu testemunho, os primeiros viajantes que aportaram no Brasil, conseguem distinguí-los.

A possibilidade de se transformarem em mercadoria é o critério em que Capistrano se apóia para valorizar as áreas de intervenção humana frente a áreas com vegetação espontânea. Nesse sentido também é importante para a qualificação a organização espacial dessa vegetação, como já foi apontado, o seu agrupamento ou dispersão, o que viabilizava ou impedia a sua exploração comercial. É a agricultura comercial que valoriza o espaço, que lhe dá o aspecto positivo.

Essas concepções que estão subjacentes às descrições de Capistrano, determinando os elementos geográficos e botânicos a serem recuperados pelo historiador, assim como definindo o papel que eles têm na sua argumentação, nos levam em parte a explicar o caráter negativo que é

³ ABREU, Capistrano. O descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 183.

dado ao território não penetrado pelos colonos, o sertão. Nesse sentido, o seu texto também parece ser ambíguo. Se em algumas descrições ele demonstra uma admiração pelo que seria essa natureza virgem, exuberante, rica em espécies, permanece ao longo da leitura de Capítulos de História Colonial, Caminhos Coloniais e Descobrimento do Brasil uma sensação negativa com relação a esse espaço. Descrições como: “Luxuosa deveras é a vegetação em ambas as fraldas da serraria que a variável distância no interior corre paralelamente ao contorno marítimo. Pertence ao mais belo que a natureza produz no território do Brasil”⁴, se contrapõem a “Eliminemos também o território entre o sul da baía de todos os Santos e a capitania de Santo Amaro. Por todo ele se estendia mata grossa e enredada, que vedava passagem”⁵. Enquanto um quadro visualizado por alguém que está distante, um quadro estático, uma representação que vem de longe, ele é exuberante, enquanto vida e o movimento que tem, enquanto concretude, para alguém que o está penetrando e quer explorá-lo economicamente, ele é negativo.

A visão mais positiva com relação à natureza brasileira se desfaz logo, nos Capítulos de História Colonial, mesmo quando se trata da natureza espontânea, como ele coloca. Predomina uma idéia em geral negativa sobre esse meio. Porém, esse meio caracterizado de forma negativa como um empecilho para o colono, é o que, segundo Capistrano, diferencia o colono do português, é o que lhe dá originalidade.

No capítulo “Antecedentes indígenas”, descreve o meio geográfico, biológico e indígena brasileiro, sugerindo o que era o Brasil antes da chegada dos portugueses, quando o território era todo um só sertão. Uma caracterização que serve a um estrangeiro, de elementos que supostamente fazem parte de um passado, mas que são presente pois são estáticos; as mesmas árvores ainda lá estão, as montanhas, as borboletas e os índios. Uma descrição de quem está fora olhando a paisagem a partir do Atlântico, de alguém que não parece pertencer a ela, de alguém que olha os índios como outro povo de costumes estranhos.

A partir dessa representação, a paisagem não transformada pelo europeu é retratada, excetuando-se algumas pequenas áreas, como um cenário natural, primitivo, a ser civilizado. A princípio, desqualifica-se a cultura indígena, não reconhecendo suas marcas nessa paisagem, não percebendo o processo de humanização por que ela passou. Transforma-se o sertão num espaço natural.

A descrição da paisagem em Capítulos de História Colonial está apartada da narrativa sobre os índios, ainda que estejam no mesmo capítulo, como duas imagens que se justapõem, mas não se fundem. Induz a idéia de que o cenário delineado não sofreu a interferência indígena. Os índios

⁴ ABREU, Capistrano. O descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 184.

⁵ ABREU, Capistrano. Capítulos de história colonial. e Caminhos antigos e o povoamento do Brasil. 5^a ed. Revista. Brasília: UNB, 1963. p. 258.

compõem aquele meio como um elemento que se soma e não que se relaciona intelectualmente.

Em Capistrano, o índio não se resume a um empecilho à colonização, ou a um elemento da natureza, a sua observação é importante para compor a história do Brasil. Embora fale em mata virgem e instigue a visão de que os índios não interferiam na paisagem, aponta que em alguns espaços eles se adiantaram ao europeu e abateram a mata. Por outro lado, o historiador recupera a humanidade desse índio indicando a existência de uma cultura: “Tinham os sentidos mais apurados, e intensidade de observações da natureza inconcebível para o homem civilizado. Não lhes faltava talento artístico, revelado em produtos cerâmicos, trançados, pinturas de cuia, máscaras, adornos, danças e músicas”⁶.

Muitas de suas idéias foram recuperadas posteriormente por Sérgio Buarque de Holanda, que lhes imprimiu um sentido totalmente diverso. Por exemplo, afirmou que os índios têm os sentidos mais apurados que o europeu, e viu nessa característica uma melhor adequação do índio a esse meio, algo que o português aprendeu para poder sobreviver ali.

Para Capistrano de Abreu, tal qual a paisagem original, o índio deve se transformar para ser incorporado ao Brasil; sertão e índio não são Brasil ou brasileiros, não têm história, eles antecedem a história. Estão dentro do território brasileiro, mas também estão fora porque não são Brasil.

Mas nesse quadro quase estático, nessa história de longa duração, principiada pelo descobrimento do Brasil, que exclui o índio da formação da nação, não caracteriza também os colonos de forma homogênea. O povo brasileiro é aquele envolvido com agricultura e exploração para exportação, o que transforma a mata em café, açúcar ou em pau-brasil para a Europa.

Apesar de introduzir o tema sertão em sua obra, o sertão e seu habitante, o índio, não são brasileiros, estão além da fronteira do que é brasileiro. Assim para Capistrano o Brasil, e o que é brasileiro não se relaciona diretamente com o que está dentro do território brasileiro real. Suas fronteiras políticas encerram também um não-Brasil e um não-brasileiro. E, finalmente, esse brasileiro que se diferencia paulatinamente do português, que possui uma originalidade, necessita, contraditoriamente, da chegada da coroa portuguesa e de seu representante, D. João, para criar a nação, isso porque esse mesmo meio, que possibilitou essa diferenciação do europeu, criou condições para a pulverização do povo e um desamor pela terra.

Embora ressalte a importância do tema sertão, ele não está atento a ele, mas ao avanço sobre ele. Sua história acompanha a linha da fronteira do povoamento pela grande propriedade. Diferentemente do sertanista que ele valoriza como formador do Brasil, Capistrano parece ter medo de se aprofundar mais nesse meio, de entrar na mata e encontrar o índio, quando desce a esse nível logo afirma a intransponibilidade da mata e a ferocidade dos animais e do índio.

⁶ ABREU, Capistrano. Capítulos de história colonial. 6^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. P. 11.